



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

THALLES RENNAN MAIA DE MEDEIROS

**O SÍTIO ARQUEOLÓGICO LARANJEIRAS: A PRESENÇA DA TRADIÇÃO
ARATU EM PILÔEZINHOS - PB**

**CAMPINA GRANDE
2023**

THALLES RENNAN MAIA DE MEDEIROS

**O SÍTIO ARQUEOLÓGICO LARANJEIRAS: A PRESENÇA DA TRADIÇÃO
ARATU EM PILÔEZINHOS - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em licenciatura em história da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em História.

Área de concentração: Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488s Medeiros, Thalles Rennan Maia de.
O sítio arqueológico Laranjeiras: a presença da tradição Aratu na cidade de Pilõezinhos - PB / Thalles Rennan Maia de Medeiros. - 2023.
52 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos, Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Arqueologia. 2. Tradição. 3. Aratu. 4. Cerâmica. I. Título
21. ed. CDD 930.1

THALLES RENNAN MAIA DE MEDEIROS

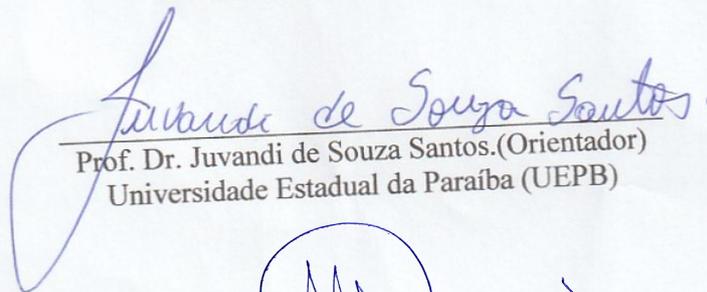
O SÍTIO ARQUEOLÓGICO LARANJEIRAS: A NECESSIDADE DE NOVAS
PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO BREJO PARAIBANO

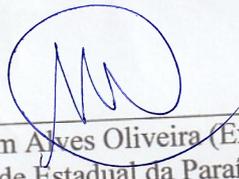
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Graduação
em licenciatura em história da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciatura em História.

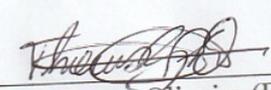
Área de concentração: Humanidades.

Aprovada em 30/1/2023

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira (Examinador interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. MSc. Thomas Bruno Oliveira (Examinador externo)
Prefeitura Municipal de Campina Grande

A minha família, pela dedicação,
companheirismo, amizade e fé em mim,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Geraldina Maia de Medeiros, por sempre ter acreditado em mim.

À minha irmã, Thamisis Maia de Medeiros Bezerra, por sempre me ajudar com tudo que preciso.

Ao meu amor, Ivila L. N. A. Nascimento, por ter me dado as forças necessárias para conseguir finalizar este ciclo da minha vida.

Ao professor Juvandi de Souza Santos por, apesar de ter passado três anos, ainda me aceitar como orientando e acreditar no meu trabalho.

Aos meus amigos Arturus Santos, Euller Figueiredo, Filipe Lourenço, Ismaell Bento, Marcus Alves, Matheus Yanko Aires, Milena Dôso, Moacir Pereira, Paulino Alves e Vinicius Pereira por estarem sempre me apoiando nas minhas empreitadas.

RESUMO

O presente estudo visa realizar uma análise da cultura material recuperada no Sítio Arqueológico Laranjeiras, localizado na cidade de Pilõezinhos, Paraíba. O objetivo central consiste em investigar e descrever as características distintivas das cerâmicas encontradas nesse sítio, buscando determinar se a tradição cerâmica associada ao Aratu é predominante nessa localidade específica. Além disso, pretende-se avaliar a viabilidade de uma futura escavação arqueológica no sítio, visando preservar e proteger os patrimônios culturais identificados, ao mesmo tempo em que se busca realizar uma análise mais detalhada e abrangente do Sítio Arqueológico Laranjeiras.

Palavras-Chave: Arqueologia; Tradição; Aratu; Cerâmicas;

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the material culture retrieved from the Archaeological Site of Laranjeiras, situated in the city of Pilõezinhos, Paraíba. The investigation's primary focus is to delineate the distinctive features of the ceramics found at this site, while seeking to ascertain whether the ceramic tradition associated with Aratu predominates in this specific location. Furthermore, it endeavors to assess the feasibility of a potential archaeological excavation at the site, aiming to safeguard these cultural heritage assets. Simultaneously, the objective is to generate a more precise and comprehensive analysis of the Archaeological Site of Laranjeiras.

Keywords: Archeology; Tradition; Aratu; Ceramics

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1:	Peça SAL-PZ 001	28
Imagem 2:	Figura presente no artigo de PROUS	28
Imagem 3:	Peça SAL-PZ 0002	29
Imagem 4:	Peças da SAL-PZ 0003 a 0005	30
Imagem 5:	Peças SAL-PZ 0006 e 0007	31
Imagem 6:	Peças SAL-PZ 0008 e 0009	32
Imagem 7:	Peça SAL-PZ 0010	33
Imagem 8:	Peças SAL-PZ 0011 e 0012	33
Imagem 9:	Peças SAL-PZ 0013 e 0014	34
Imagem 10:	PEÇAS SAL-PZ 0011 a 14 unificadas	35
Imagem 11:	Cerâmica recolhida pela equipe da Arqueolog	36
Imagem 12:	Urnas funerária resgatada no Sítio Laranjeiras	37
Imagem 13:	Peça SAL-PZ 0016	38
Imagem 14:	Cerâmica da tradição Aratu	38
Imagem 15:	Peça SAL-PZ 0017	39
Imagem 16:	Urna da fase Itanhém	39
Imagem 17:	Peça SAL-PZ 0018	40
Imagem 18:	Peça SAL-PZ 0018	40
Imagem 19:	Materiais cerâmicos (in situ), na superfície	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Medidas e características das cerâmicas do Sítio Laranjeiras, Pilõesinhos - PB	41
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LABAP	Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Paraíba
PRONAPA	Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas
SAL-PZ	Sítio Arqueológico Laranjeiras - Pilõesinhos
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO:.....	15
3 A CERÂMICA ARATU.....	22
4 A CIDADE DE PILÕEZINHOS E O SÍTIO ARQUEOLÓGICO LARANJEIRAS....	28
5 ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO.....	29
6 CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Durante um extenso período, a historiografia da Paraíba tem-se dedicado a analisar minuciosamente a organização dos povos indígenas em seu território, abrangendo tanto o período pré-colonial quanto o posterior ao contato com os colonizadores. Este enfoque de investigação tem gerado uma significativa produção histórica e historiográfica que visa decodificar os registros documentais da época com o intuito de lançar luz sobre a complexa divisão étnica que prevalecia no território paraibano.

É pertinente observar que muitos desses estudos históricos se embasam em documentos redigidos à época, predominantemente por agentes europeus, os quais frequentemente endossaram uma visão pejorativa dos povos nativos da região, imbuídos na retórica eurocêntrica dominante. Todavia, à medida que as pesquisas arqueológicas avançam no território paraibano, novas descobertas vêm à tona, proporcionando uma perspectiva revigorada e mais equilibrada sobre inúmeras questões que permeiam os primórdios destes escritos.

Considerando que os achados arqueológicos são, por si só, valiosos documentos históricos, surge a possibilidade intrigante de iniciar um debate sobre as distribuições étnicas dentro do território paraibano. Este debate pode ser embasado em fontes que não foram diretamente influenciadas pela construção retórica imposta pelos europeus, que frequentemente deturpou a cultura e a identidade dos povos nativos antes e depois do contato.

Além disso, é imperativo reconhecer o papel crucial da arqueologia nos estudos antropológicos e históricos em várias regiões do mundo. Na Paraíba, não é diferente; os avanços e descobertas nesse campo são essenciais. Utilizar essas pesquisas arqueológicas pode fornecer uma compreensão mais profunda e detalhada da ocupação territorial naquilo que hoje denominamos Paraíba. Isso nos permite transcender a visão simplificada que foi perpetuada desde as análises de Herckmans, as quais dividiam o domínio Tupi apenas na costa, enquanto o interior seria o território dos Tapuias. É fundamental questionar e

reexaminar essa narrativa a fim de explorar a complexidade das interações e das estruturas sociais dos povos indígenas na Paraíba. Podemos ver tais complexidades dentro do próprio escrito de Herckmans:

Os tapuyas forma um povo que habita no interior para o lado do occidente sôbre os montes e em sua visinhança, em logares que são os limites os mais afastados das Capitánias ora ocupadas pelos brancos, assim neerlandezes como portuguezes. [...]. As terras destes se acham ao occidente do Rio Grande e Cunhaú. Não tem logares certos ou aldeias onde morem; vagueiam demorando-se em um sitio, ora em outro. Na estação do cajú, que é em Novembro, Dezembro e Janeiro, descem ás praias, porquanto pouco ou nenhum cajú se encontra muito para o interior. Assim regulam-se pelas estações do anno para procurarem o seu alimento (HERCKMANS, 1639/1886, p.279).

Outrossim, é evidente que, apesar de Herckmans ter introduzido um certo grau de complexidade na discussão sobre a ocupação dos Tapuias, notadamente devido às suas incursões na costa durante as safras de caju abundante e ao seu reconhecimento de que o contato foi mais substancial com um dos povos Tapuia, os Janduí, ele ainda delimitou suas ocupações principalmente às regiões mais ocidentais da capitania, designando-os como os principais habitantes dos sertões (com sertões referindo-se à região não habitada pelos europeus) da Paraíba. Seu trabalho tem sido uma referência fundamental para muitas pesquisas históricas sobre a região.

Há outros autores igualmente influentes, em especial os cronistas, mas vale destacar o trabalho de Curt Nimuendajú (1943), um etnógrafo de origem alemã que dedicou toda a sua vida ao estudo das tribos nativas do Brasil. Nimuendajú, em seu renomado mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes, restringe o território tupinico apenas ao litoral paraibano. No entanto, numerosas descobertas realizadas por pesquisadores do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Paraíba da UEPB (LABAP) indicam a presença de sítios arqueológicos no interior da Paraíba com características Tupi.

Além das cerâmicas tupiguarani, houve também a descoberta e o resgate de uma quantidade significativa de material cerâmico em Pilõezinhos, no ano de 2021, a qual está

localizada no brejo paraibano, aproximadamente 105 quilômetros de distância de João Pessoa, a capital do estado da Paraíba.

É importante notar que esse material foi encontrado e resgatado não por meio de uma escavação arqueológica formal, uma vez que tal escavação ainda não foi realizada no local. Em vez disso, a coleta do material foi realizada em resposta ao contato de moradores locais que, após descobrir tais artefatos, solicitaram ao Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Paraíba (LABAP) que realizassem a coleta e armazenamento do material. Esse tipo de resgate e estudo de material arqueológico pode ser valioso para entender a história e a cultura de uma área, mesmo quando não é resultado de escavações planejadas.

A descoberta de artefatos semelhantes em outro sítio arqueológico na cidade de Pilões, que passou por uma escavação formal e esquematizada em 2012, é de grande relevância para a compreensão da história e da ocupação pré-histórica da região. Essa escavação foi conduzida pelo professor Marcos de Albuquerque, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e foi desencadeada devido à implantação de uma subestação de energia na área. O pesquisador apontou que “As novas evidências localizadas revelaram se tratar de um sítio relevante para o entendimento da ocupação pré-histórica da região, o que levou a uma alteração na abordagem metodológica do sítio, bem como nas técnicas de escavação” (ALBUQUERQUE, 2012. p.108).

É verdade que, para uma compreensão mais completa da ocupação pré-histórica na região do brejo paraibano, seria importantíssimo realizar novas pesquisas em outros sítios arqueológicos com características similares aos estudados pelo professor Albuquerque. A investigação de múltiplos sítios pode proporcionar uma visão mais ampla e contextualizada da história e da cultura pré-histórica na região.

Além disso, como Gabriela Martin (2013) observou, o brejo paraibano é de extrema importância para a pré-história brasileira, mas ainda carece de pesquisas mais intensivas e regulares.

A região do Brejo, na Paraíba, é também área de grande concentração de sítios com pinturas e gravuras rupestres além de abrigos com enterramentos indígenas, citados por L. F. R. Clerot, mas, infelizmente, nunca pesquisados. O município de Areia assenta-se num brejo de altura, perto aos 800 metros, com temperaturas amenas no inverno em torno dos 18°C. Forma uma típica "ilha de umidade" e há também notícias de numerosos sítios arqueológicos especialmente de grupos ceramistas. (MARTIN, 2013. p.43)

Portanto, este trabalho de pesquisa tem o objetivo de compreender, comparar e classificar os artefatos encontrados no sítio Laranjeiras, identificando suas semelhanças e diferenças não apenas em relação aos artefatos encontrados na escavação realizada por Albuquerque, mas também a nível nacional. O estudo busca entender como esses artefatos se relacionam, ou não, com a cultura Aratu, que é abrangente e disseminada por todo o país. A pesquisa pode lançar luz sobre a conexão entre as diferentes comunidades pré-históricas que habitavam a região e contribuir para um conhecimento mais abrangente da história do brejo paraibano e da pré-história brasileira como um todo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO:

É essencial compreender conceitos-chave na arqueologia para analisar artefatos encontrados em sítios arqueológicos de forma significativa. Desta forma será possível entender como a arqueologia busca: realizar a recuperação de evidências; a tentativa de reconstrução de sociedades passadas; o desafio aos estereótipos e de ideias preconcebidas, em especial devido ao colonialismo e eurocentrismo; e a preservação do patrimônio cultural.

Segundo TRIGGER (2004) A recuperação de evidências desempenha um papel de extrema relevância na disciplina da arqueologia, sendo um dos elementos primordiais que direcionam o trabalho dos arqueólogos na sua busca por uma compreensão aprofundada do passado. Por meio desse processo, os arqueólogos obtêm informações concretas e materiais tangíveis que desempenham um papel fundamental na reconstrução de sociedades antigas e na compreensão das nuances da vida humana ao longo da história, como podemos ver: “Tradicionalmente, a arqueologia tem sido identificada como o resgate, a análise e a interpretação de vestígios materiais do passado humano. Porém, ela sempre se estendeu para além destes limites.” (TRIGGER, 2004,p. 366).

A natureza multidisciplinar da arqueologia é uma característica distintiva e crucial dessa disciplina, conforme vemos “Ao longo de seu desenvolvimento, em diferentes etapas, a arqueologia relacionou-se de um modo todo especial, particularmente próximo, ora com uma ora com outra, de duas ciências sociais: a história e a antropologia” (TRIGGER. 2004, p.367).

Ainda podemos ver que:

Não há meio de compreender, seja o registro arqueológico, seja a cultura material moderna, sem reportá-los ao comportamento humano. Inversamente, para que os arqueólogos venham a aprender mais acerca do comportamento humano e da mudança cultural no passado, eles precisam buscar novas e convincentes maneiras de inferi-lo dos dados arqueológicos. É apenas através do estudo do comportamento humano que a arqueologia pode relacionar-se com as outras ciências sociais TRIGGER (2004, p.367)

Ela exige a colaboração e integração de uma variedade de disciplinas científicas, como geologia, biologia, antropologia e química, a fim de interpretar adequadamente os vestígios deixados pelas sociedades do passado. Essa abordagem interdisciplinar desempenha um papel

integral na promoção de uma compreensão mais profunda e abrangente da história e da cultura das sociedades que habitaram determinadas regiões em períodos antigos.

Além disso, é vital reconhecer que a recuperação de evidências envolve não apenas a coleta, mas também a preservação e conservação apropriadas dos materiais arqueológicos. A proteção contra danos e degradação é essencial para garantir que as evidências sejam mantidas de forma íntegra para as gerações futuras.

Com a retirada do objeto, o mesmo passa a ter contato direto, desta feita, com uma nova situação, reagindo de maneiras diferentes quando exposto à atmosfera. No caso de materiais orgânicos, há uma aceleração, enquanto que na cerâmica e lítico esse processo é quase imperceptível. Há objetos que, em questão de horas, podem simplesmente desintegrar. (SANTOS, 2010, p.82)

A recuperação de evidências representa apenas o estágio inicial do processo arqueológico. Após a coleta dos artefatos e materiais, os arqueólogos realizam análises detalhadas e sistemáticas para decifrar o significado das evidências. Isso envolve a classificação, catalogação e estudo aprofundado dos artefatos e materiais coletados. A interpretação e análise desses materiais proporcionam percepções valiosas sobre diversos aspectos das sociedades humanas do passado. Segundo PROUS:

A arqueologia moderna é caracterizada, em grande parte, pela passagem do simples estudo dos vestígios de cada época para um a busca de estruturas a serem interpretadas. Em consequência, a coleta dos vestígios durante as escavações é feita dentro de técnicas que permitem determinar as relações entre todos os elementos do quebra-cabeça arqueológico. Enquanto algumas estruturas são perceptíveis ainda *in situ* (sepultamentos, por exemplo), muitas são ‘discretas’ e somente aparecem no laboratório quando são analisados os vestígios e sua posição nas plantas (1992, p. 26-27)

A arqueologia, enquanto ciência social, possui como objetivo primordial de “conhecer em profundidade a herança cultural dos povos” (ZAMARA, 1990, p.40) por meio da investigação de vestígios materiais e evidências arqueológicas. Isso inclui artefatos, estruturas, restos humanos, entre outros elementos, encontrados em sítios arqueológicos.

Outro ponto de destaque é a influência da ideologia e do contexto histórico na reconstrução de sociedades passadas. Trigger (2004) discute como os preconceitos culturais e ideológicos muitas vezes afetaram as interpretações arqueológicas.

A novidade era a insistência darwiniana em que, por obra da seleção natural, os grupos humanos se diferenciam uns dos outros não apenas culturalmente,

mas também no que toca às aptidões biológicas para fazer uso da cultura. Lubbock acreditava que os povos tecnologicamente menos avançados eram não apenas cultural mas também emocional e intelectualmente mais primitivos que os civilizados. Afirmava ainda que, em consequência dos efeitos diferenciadores da seleção natural entre os europeus, os indivíduos inclinados ao crime e os membros das classes baixas eram biologicamente inferiores aos membros bem sucedidos das classes média e alta. Assim, uma única explicação dava conta da desigualdade social nas sociedades do Ocidente e da suposta superioridade das sociedades europeias sobre outros grupos de humanos (TRIGGER, 2004. p. 113)

Isso é particularmente evidente no contexto do colonialismo, onde as culturas não ocidentais foram frequentemente retratadas de maneira estereotipada e desinformada. Reconhecer essa influência ideológica é fundamental para a busca de interpretações mais objetivas.

A noção de patrimônio cultural é fundamental, pois a arqueologia não se limita à investigação do passado, mas também desempenha um papel vital na preservação e interpretação desse passado para as gerações presentes e futuras.

Deve-se reconhecer em primeiro lugar, que, como patrimônio da humanidade, os sítios são monumentos de valor incontestáveis e que, enquanto obras de natureza singular, resultantes da atividade humana e, portanto, da experiência do cotidiano da sensibilidade e das crenças dos homens... (SANTOS, 2006. p.89)

O patrimônio, como discutido por Trigger (2004), abrange uma ampla gama de elementos culturais e materiais que são considerados valiosos para a sociedade. Isso inclui não apenas monumentos, edifícios históricos e sítios arqueológicos, mas também artefatos, documentos, práticas culturais, tradições e histórias. Esses elementos são vistos como testemunhos da história e da cultura de uma sociedade e, portanto, merecem ser preservados e estudados.

Trigger também destaca a importância do patrimônio como uma forma de conectar as gerações atuais com suas raízes culturais e históricas, como podemos ver:

No Japão, durante o próspero período Tokugawa (1603-1868 d.C) nobre eruditos das classes dos samurais (guerreiros) e dos mercadores colecionavam e descreviam artefatos antigos e faziam o registro de túmulos e outros monumentos, apresentando-os como dados pertinentes à história local e nacional. (TRIGGER, 2004. p.42)

O patrimônio cultural é uma fonte de identidade e pertencimento, permitindo que as pessoas compreendam de onde vieram e como suas sociedades evoluíram ao longo do tempo. A preservação e interpretação adequadas do patrimônio cultural desempenham um papel fundamental na promoção do senso de identidade cultural e na coesão social.

Além disso, o patrimônio não é uma entidade estática, mas algo que evolui ao longo do tempo. A interpretação e a compreensão do patrimônio cultural são moldadas pelas perspectivas contemporâneas e pelas mudanças nas abordagens arqueológicas. Isso significa que o patrimônio é constantemente reavaliado e reinterpretado à medida que a sociedade evolui.

Outro eminente autor que aborda uma variedade de conceitos é André Prous, notadamente em sua obra *Arqueologia Brasileira* (2006). Neste livro, Prous investiga aspectos como os métodos arqueológicos empregados, os materiais e vestígios descobertos. Além disso, ele se debruça sobre a interpretação cultural desses achados e ressalta a importância da salvaguarda do patrimônio cultural.

Os métodos arqueológicos são essenciais para a compreensão da história, das culturas indígenas e das sociedades que habitaram o território brasileiro ao longo dos tempos. PROUS busca diferenciar a arqueologia “moderna” por estar caracterizada na:

passagem do simples estudo dos vestígios de cada época para um a busca de estruturas a serem interpretadas. Em consequência, a coleta dos vestígios durante as escavações é feita dentro de técnicas que permitem determinar as relações entre todos os elementos do quebra-cabeça arqueológico. Enquanto algumas estruturas são perceptíveis ainda *in situ* (sepultamentos, por exemplo), muitas são ‘discretas’ e somente aparecem no laboratório quando são analisados os vestígios e sua posição nas plantas (PROUS, 1992. p 27-28)

Desta forma, PROUS também busca diferenciar quais seriam estas formas de estrutura em 3 modelos, os quais elenca como:

macroestrutura o que se relaciona com a organização de todo o território de uma mesma população; por exemplo, a tentativa de se evidenciar as diferentes áreas de exploração econômica, os sítios permanentes e os sítios

satélites de acampamentos sazonais. Estas macroestruturas reúnem, portanto, conjuntos de sítios.

estrutura média a organização geral de um sítio para determinada época; serão diferenciadas, por exemplo, as áreas culinárias, sepulcrais, de refugio, de preparação culinária, de atividades estéticas ou rituais. Um solo de ocupação dentro de um sítio de acumulação sedimentar rápida forma uma estrutura deste tipo.

microestrutura, cada conjunto significativo estudado isoladamente dentro de um sítio. Referem-se a inúmeras categorias: microestruturas de habitat, como alinhamentos de vestígios de postes ou sustentáculos, paredes, muros, canalizações, etc.; microestruturas de *Ötztal* áreas de combustão (partes queimadas), fogueiras, lentes de resíduos queimados retirados pelo homem (limpeza de fogueira) ou pela erosão (lixiviação); microestruturas de *deesqyaçã* (fossas, silos, esconderijos); microestruturas de sepultamento, etc. (PROUS, 1992. p27)

A datação é um elemento crítico para estabelecer uma cronologia precisa dos sítios arqueológicos brasileiros. A datação por radiocarbono, dendrocronologia e outros métodos são empregados para determinar a idade dos artefatos e estruturas, possibilitando a compreensão das mudanças ao longo do tempo. Tendo as datações fisio-químicas com absolutas e as demais como relativas, podemos ver que:

Além da datação ‘absoluta’ (em relação a um calendário, a uma data fixa de referência), os arqueólogos utilizam datações ‘relativas’, ou seja, podem elaborar a ordem sucessória entre os fenômenos. Por exemplo, posso dizer que determinada pessoa é mais jovem do que esta é mais velha que aquela, mesmo sem saber a idade real delas. Estas datações relativas são obtidas basicamente a partir das sequências estratigráficas, embora veremos que outros fatores permitem sua determinação. (PROUS, 1992. p 107).

A análise de artefatos é um componente central da arqueologia brasileira. Os artefatos, como cerâmica, ferramentas de pedra e objetos culturais, são estudados em detalhes para compreender sua função, produção e significado. A tipologia, a tecnologia de manufatura e a distribuição geográfica dos artefatos são elementos explorados na análise.

Já que o arqueólogo estuda o passado a partir de objetos modificados pelo homem (‘artefatos’) deve ele ser capaz de colocá-los dentro de categorias classificatórias que permitam a comparação dos artefatos e as ‘indústrias’ (conjuntos de artefatos) entre si. Para tanto, deve elaborar uma ciência classificatória: a tipologia. Os objetos serão colocados em categorias (tipos) que podem ser morfológicas (em função de sua forma), tecnológicas (em função da fabricação), funcionais (finalidade dos artefatos) ou estilísticas. (PROUS, 1992. p 59)

Um dos primeiros passos na análise de artefatos envolve a tipologia e a classificação. Os arqueólogos categorizam os artefatos com base em suas características físicas e tipológicas. Essa classificação permite identificar padrões e tendências na produção e uso de artefatos ao longo do tempo e em diferentes locais. Por exemplo, a tipologia de ferramentas de pedra pode revelar mudanças nas técnicas de fabricação ao longo de períodos históricos específicos.

Para exemplificar: uma tipologia de cunho morfológico permitirá distinguir pela forma um machado francês de lenhador, com ferro retangular, de um machado duplo da Creta antiga. Se for empregada uma tipologia de cunho tecnológico, podemos opor um machado de pedra polida a outro de metal forjado. Uma tipologia funcional poderá separar uma faca, com um gume, que funciona por pressão filiforme (para cortar), de um punhal, com dois gumes e uma ponta, que funciona por pressão punctiforme (para perfurar). Enfim, uma tipologia estilística colocará em categorias distintas um sabre de marujo inglês do século XVIII e outro, contemporâneo e de mesma função, de um samurai japonês. (PROUS, 1992. p 59).

A análise de artefatos também aborda a tecnologia de manufatura. Isso envolve o estudo das técnicas e materiais utilizados na produção dos artefatos. Por exemplo, a análise de cerâmica pode revelar informações sobre métodos de modelagem, decoração e cocção. A análise de ferramentas líticas pode fornecer pistas sobre as técnicas de lascamento e a origem das matérias-primas utilizadas.

Cada uma dessas técnicas deixa suas marcas: um pote modelado quebra-se em cacos irregulares, enquanto um anelado terá cacos retangulares, havendo quebra nos pontos fracos, que são as juntas dos antigos roletes. Uma peça moldada apresenta uma linha fina em relevo no lugar onde as metades do molde se encontraram, como ainda acontece nas garrafas de vidro. Por fim, uma peça torneada apresenta finas estrias paralelas, muito típicas (PROUS, 1992. p 92).

Também busca determinar a função e o uso dos artefatos é um aspecto crucial da análise. Os arqueólogos buscam entender como os artefatos foram empregados nas atividades cotidianas das sociedades antigas.

A cultura material é produzida por e para alguém. Serve de reflectância para se perceber as ações do indivíduo e dele, do grupo étnico ao qual pertenciam. Uma conta de colar isolada, fora de contexto, não diz muito, mas encontrada por exemplo, como componente do enxoval fúnebre pode fazer o mesmo falar, bem como o seu grupo. (SANTOS, 2010. p.46-47)

Isso inclui a identificação de ferramentas, utensílios, objetos cerimoniais, entre outros. A análise pode revelar informações sobre a economia, a subsistência e a organização social das comunidades passadas.

A análise de artefatos não se limita a aspectos técnicos; ela visa contextualizar os artefatos dentro da cultura das sociedades passadas. Os artefatos podem refletir aspectos religiosos, simbólicos e estéticos da cultura. A interpretação cultural é um passo crítico para compreender o significado dos artefatos dentro de um contexto mais amplo.

A conservação e preservação do patrimônio arqueológico são questões críticas para garantir que os sítios e artefatos sejam protegidos para as futuras gerações. Isso envolve a implementação de medidas adequadas de conservação e o cumprimento das legislações de preservação do patrimônio. “Além da pesquisa *stricto sensu*, as atividades arqueológicas passaram a contemplar cada vez mais as preocupações com a preservação dos conjuntos arqueológicos e a gestão do patrimônio.” (PROUS, 1992. p 608).

3 A CERÂMICA ARATU

O estudo dos grupos ceramistas brasileiros foi iniciado de maneira sistemática na década de 1960 com a implementação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) (BROCHADO, 1970). Nesse período, ocorreu um mapeamento mais científico do registro arqueológico dos grupos ceramistas pré-coloniais no Brasil.

O pesquisador Calderón foi pioneiro ao definir a Tradição Aratu na Bahia, com base em prospecções realizadas em 24 sítios arqueológicos nos estados da Bahia, Sergipe e Pernambuco. Paralelamente, outras equipes de pesquisa trabalharam de forma independente e identificaram a Tradição Sapucaí em Minas Gerais e a Tradição Uru em Goiás. Em uma reunião realizada em 1980, diversos pesquisadores envolvidos na investigação dessas três 'Tradições' chegaram a um consenso de que elas representavam a mesma realidade. (PROUS 1992; MARTIN, 2013). Também podemos ver abaixo:

No litoral nordestino, mais especificamente na Bahia, foi constatado que, a partir do século IX (15), começam a se instalar populações identificadas por uma produção ceramista bastante uniforme. Referimo-nos aos grupos denominados, arqueologicamente, Aratu. Estes grupos foram identificados pela primeira vez por Valentín Calderón, próximos ao Riacho Guipe, na pequena Baía de Aratu, no Recôncavo Baiano, razão pela qual foram assim nomeados. (ETCHEVARNE, 2000, p.123)

Conforme observado por Martin (1999), a Tradição Aratu abrange um extenso território que se estende desde o estado de Sergipe até o Espírito Santo, bem como do litoral da Bahia até a região conhecida como Depressão São Franciscana. A autora sugere que o epicentro cultural dessa civilização ceramista esteja localizado no estado da Bahia, e algumas das fases associadas a ela em estados como Minas Gerais, Pernambuco, Goiás e Piauí possam ser atribuídas a diferentes culturas, embora ainda dentro da área de influência da Tradição Aratu. Para fundamentar essa proposição, a autora aponta diferenças tanto tecnológicas, relacionadas à fabricação da cerâmica, quanto culturais, que se manifestam nas práticas funerárias, como evidências.

As ocupações relacionadas à Tradição Aratu abrangem uma variedade de ecossistemas, estendendo-se desde áreas de maior altitude até os manguezais ao longo da costa. Em termos de topografia local, os sítios arqueológicos estão localizados em leves elevações do terreno. As aldeias associadas a essa tradição exibem dimensões consideráveis, chegando a atingir até 500 metros de comprimento por 200 metros de largura. Elas são compostas por unidades habitacionais de tamanho substancial, aproximadamente 10 metros por 15 metros, organizadas em alinhamentos ou arranjadas em círculos ao redor de uma praça central. Essa disposição espacial guarda semelhanças com a organização das atuais aldeias pertencentes ao macro-tronco linguístico Jê na região central do Brasil.

Uma característica notável nos sítios arqueológicos é a espessura do sedimento arqueológico, que varia de 40 a 100 centímetros de profundidade. Além disso, um grande número de urnas funerárias foi descoberto nesses locais. Esses achados sugerem a presença de aldeias densamente povoadas e indicam uma longa permanência das comunidades, contrariando a concepção tradicional de mobilidade entre os antigos agricultores tropicais.

Podemos ver um resumo destas características na primeira descrição realizada da tradição Aratu no trabalho intitulado *Brazilian Archaeology in 1968: an Interim Report on the National Program of Archaeological Research* publicado na revista internacional *American Antiquity* onde os pesquisadores do PRONAPA descrevem a cultura aratu, recém descoberta:

Although large habitation sites with refuse extending to a depth of 90cm, and cemeteries containing up to 100 burial urns have been reported from many places on the coast of the interior of Bahia and in the adjacent states of Goiás, Sergipe, and Alagoas, only three sites in Bahia have been investigated. One of these has provided a radio-carbon date of A.D 870 ± 90 (SI-542). The pottery contains abundant graphite and is undecorated except for sporadic occurrence of incisions, modeling, unsmoothed coils or corrugation. Forms include globular jars, rounded bowls with four small vertical rim lobes, and pear-shaped burial urns, 75cm in height and 60cm in shoulder diameter. (Brochado et al, 1970)

Devido à localização das ocupações Aratu em regiões de difícil preservação de material orgânico, as informações disponíveis sobre a dieta desses grupos são limitadas. Não há evidências claras que indiquem o uso sistemático da mandioca, o que sugere duas possibilidades: ou esses grupos não faziam uso regular dessa planta em sua dieta, ou a

processavam de maneira diferente em comparação com outros grupos, conforme aponta MARTIN:

Subsistência não baseada no uso exclusivo da mandioca. A ausência de assadores e de vasilhames planos assim parece indicá-lo. Em todo caso, utilizaram a mandioca de forma diferente aos Tupinambá e apoiaram também sua subsistência no milho, no feijão e no amendoim; o rodízio nas plantações teria permitido assentamentos durante períodos mais longos; (MARTIN, 2013. p. 199)

A presença de numerosos machados polidos nas descobertas arqueológicas pode indicar o manejo da vegetação para práticas agrícolas em ambientes florestais. Para efeito de comparação com os grupos Jê históricos que habitavam áreas onde se encontram os sítios Aratu, alguns autores levantam a hipótese de que esses grupos subsistiam por meio do cultivo de grandes plantações de milho, feijão, amendoim, inhame e batata-doce como componentes fundamentais de sua dieta. A alternância de cultivos nesses grupos permitia um manejo mais sustentável dos recursos locais, evitando o rápido esgotamento do solo e possibilitando ocupações de maior duração.

A cerâmica tradicional associada à Tradição Aratu é notável por suas características distintas. As urnas funerárias são frequentemente em forma de pêra invertida ‘piriformes’, com dimensões médias de aproximadamente 75 centímetros de altura por 65 centímetros de diâmetro na parte mais larga, e uma abertura que mede cerca de 45 centímetros de diâmetro. As urnas maiores muitas vezes apresentam um vaso invertido colocado sobre a abertura, que atua como uma espécie de tampa. As urnas destinadas a crianças são ligeiramente menores e geralmente não incluem os objetos funerários típicos encontrados em enterros de adultos, como machados polidos e fusos de fiar.

Além das urnas funerárias, outros tipos de cerâmica comuns na Tradição Aratu incluem painéis semi-esféricos com bordas onduladas, cachimbos tubulares ou em forma de funil e grandes rodela de cerâmica utilizadas como fusos de fiar. A cerâmica Aratu, em sua maioria, não apresenta decorações elaboradas; em vez disso, sua superfície tende a ser alisada, ocasionalmente coberta com uma camada de grafite. Quando ocorrem elementos decorativos,

eles são geralmente restritos ao uso do corrugado, que é observado principalmente nas urnas funerárias da fase Itanhém no Recôncavo Baiano. Em casos raros, podem ser encontradas linhas incisadas e, em um único caso, uma marca de impressão de corda. A pasta cerâmica é temperada com areia mais ou menos fina.

Os enterramentos relacionados à Tradição Aratu são predominantemente primários e frequentemente envolvem grandes urnas funerárias. Estas urnas costumam ser agrupadas em duas ou três unidades e são sepultadas nas áreas periféricas das aldeias. Os cemitérios Aratu tipicamente contêm dezenas de enterramentos, podendo chegar a mais de uma centena em um único cemitério.

Para exemplificar, no sítio de Piragiba, um cemitério típico Aratu localizado no oeste da Bahia, uma equipe de arqueólogos do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação de Carlos Etchevarne e com a publicação de FERNANDES (2003) em uma tese de mestrado, realizou escavações. Neste local, 130 afloramentos de material arqueológico foram identificados devido à erosão causada por chuvas e pela ação de um riacho sazonal. Inicialmente, a suposição era de que a maioria desses afloramentos correspondesse a sepultamentos, e esta hipótese foi confirmada após a escavação de um pouco mais da metade deles.

Dos setenta e três afloramentos escavados, nove não eram sepultamentos, enquanto sessenta e quatro eram, de fato, sepultamentos. Entre esses, cinquenta e seis consistiam de sepultamentos em urnas, enquanto em dois casos, o cadáver foi colocado em decúbito dorsal com vasos cerâmicos posicionados sob a cabeça e sobre o tronco, evocando uma das formas de sepultamento previamente descritas para as primeiras populações ceramistas do Sítio do Justino em Sergipe. Quatro sepultamentos envolviam a inumação em posição fletida, com vasos cerâmicos cobrindo o crânio e parte do esqueleto pós-craniano. Em dois casos, devido ao estado de conservação, não foi possível determinar a posição do cadáver.

É importante notar que o grande número de enterramentos identificados em Piragiba sugere que originalmente poderia ser ainda maior, uma vez que moradores da vila onde o sítio está localizado relataram a remoção clandestina de, pelo menos, sete urnas antes do início dos trabalhos de escavação. Uma característica distintiva dos enterramentos neste sítio foi a presença de contas de colar feitas de ossos de animais encontradas em algumas urnas de crianças, frequentemente complementadas por pingentes feitos com dentes ou peças ósseas faunísticas. Esse tipo de acompanhamento funerário não era comum nas urnas de indivíduos adultos.

O material lítico característico associado à Tradição Aratu inclui uma variedade de artefatos, tais como raspadores, “quebra cocos”, pilões para moagem de grãos, que eram confeccionados em depressões em suportes rochosos, fusos de fiar, lascas e, sobretudo, machados. Esses machados são confeccionados principalmente em granito polido, mas também podem ser encontrados em nefrita. Notavelmente, os machados de nefrita são frequentemente encontrados em contextos funerários, como parte dos enxovais funerários. É possível ver tais características sendo descritas por PROUS:

O material lítico inclui ‘quebra-cocos’ de rocha eruptiva, lascas e principalmente machados de granito (ou pedra verde, tratando-se de oferendas). Encontrou-se um disco perfurado de calcário semelhante a uma rodela de fuso, mas pesado demais para este uso. Nos estados de Sergipe e Bahia, foram coletadas várias rodelas de fuso discoidais, feitas de calcário, xisto ou até do osso, por vezes decoradas. Perto de Montalvânia são cacos de cerâmica quebrada que foram furados e reutilizados para fiar. Esses pesos nordestinos são bem diferentes das peças bicônicas de tipo ‘Sapucaí’. (PROUS, 1992)

Em sítios arqueológicos onde se verifica a presença tanto de material arqueológico Tupi quanto Aratu, é importante observar que o material Tupi geralmente é datado em uma fase posterior e é intrusivo em relação ao material Aratu. Como ressalta Martin:

Nas aldeias em que se identifica o contato com os grupos Tupiguarani, assinalado pela presença da cerâmica, essa aparece sempre como intrusiva nas camadas mais tardias das aldeias Aratu, adquirida por comércio ou ocupação violenta, quando se nota a substituição dos tipos de cerâmicas dos "Aratu" pelos Tupiguarani. (MARTIN, 2013. p. 199)

Essa intrusão pode ser resultado de trocas, comércio ou outras formas de intercâmbio de materiais, bem como de ocupações posteriores por grupos Tupi em territórios originalmente ocupados por grupos Aratu. Isso sugere interações culturais e possíveis influências de grupos Tupi nas regiões ocupadas anteriormente por povos da Tradição Aratu.

4 A CIDADE DE PILÕEZINHOS E O SÍTIO ARQUEOLÓGICO LARANJEIRAS

Pilõezinhos é um município do estado da Paraíba, localizado na microrregião de Guarabira e na mesorregião geográfica do Agreste paraibano. O município possui uma área territorial de aproximadamente 41 km² e uma população de cerca de 5.329 habitantes, segundo o IBGE (2022).

O município recebeu sua denominação devido a pedras encontradas às margens do rio Mandaú, na localidade de Miguel, que se assemelhavam aos pilões. Pilõezinhos mantém um forte senso de comunidade, onde as interações sociais frequentemente envolvem festividades religiosas, celebrações locais e eventos culturais.

O Sítio Arqueológico Laranjeiras está localizado na área rural de Pilõezinhos, em uma elevação do terreno com altitude de aproximadamente 429 metros. Suas coordenadas, aferidas com auxílio de um GPS, são 06°51 '6,63 " S 35°33' 16,7" O.

O local é uma lavoura, onde também há algumas habitações próximas. Devido ao grande uso do solo para o cultivo, o material arqueológico tem aflorado na superfície, mas em sua grande maioria em pequenos fragmentos cerâmicos.

Em uma prospecção de superfície, juntamente com alguns outros materiais encontrados pelos moradores, foi possível apontar 57 objetos, entre eles urnas funerárias com sepultamentos. A localização do sítio foi possível a partir do contato de moradores locais com a UEPB após a localização da urna funerária, acionando assim o professor Juvandi de Souza Santos que foi ao local e realizou o salvamento do material localizado pela população.

5 ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO

A peça designada como SAL-PZ 0001 (conforme Figura 1) consiste em uma cerâmica com um formato circular aberto, que lembra, em certa medida, os assadores. Com exceção de um pequeno fragmento em seu interior, a peça se encontra completa e se destaca por sua pintura policrômica, representando a mais exuberante descoberta até o presente momento no sítio de Laranjeiras. Devido à sua decoração em múltiplas cores, a peça guarda semelhanças notáveis com as cerâmicas da cultura Tupiguarni. A parte interna da cerâmica apresenta uma camada de engobo na cor branca/bege, que serve como plano de fundo para as pinturas, compostas por traços vermelhos que formam padrões geométricos distintos e circulares. No entanto, a parte exterior da peça, embora também seja lisa, não exhibe o mesmo acabamento de pintura.

Devido à excelente preservação da cerâmica, há a oportunidade de comparar o seu desenho com outros encontrados em diferentes regiões do Brasil. Baseando-se em um artigo de PROUS (2007), o desenho dessa cerâmica poderia ser interpretado como uma representação do corpo humano. Além disso, no referido artigo, PROUS sugere que esse tipo de cerâmica pode ter sido inicialmente utilizado na preparação da mandioca. No entanto, posteriormente, essas peças poderiam ter adquirido significados rituais, possivelmente associados a rituais antropofágicos, nos quais órgãos como os intestinos de indivíduos executados durante o ritual poderiam ser depositados na cerâmica, como podemos ver em:

As grandes vasilhas abertas (acreditamos tratar-se das vasilhas denominadas *tenhãe* em certo vocabulários jesuíticos), de boca e contorno circular, elíptico ou quadrangular, praticamente ausentes no Sul do país. É possível que tenham sido utilizadas na preparação da farinha de mandioca, e todas estão pintadas internamente. As gravuras dos cronistas dos séculos XVI-XVII mostram-nas recebendo os órgãos internos dos sacrificados durante as festas canibais. (PROUS, 2007. p.12).

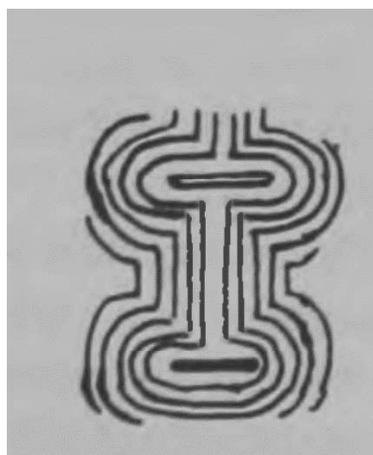
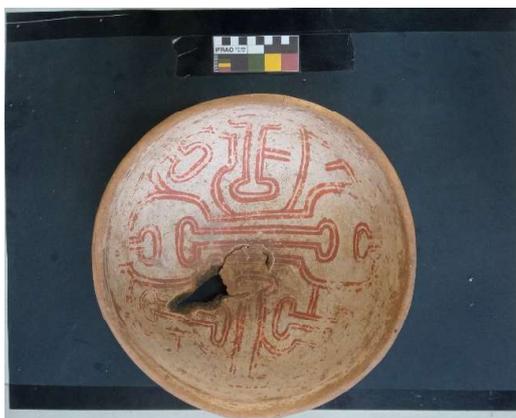


Imagem 1: Peça SAL-PZ 001. Crédito da imagem:
Thalles Rennan Maia de Medeiros

Imagem 2: Figura presente no artigo de
PROUS,2007. p.16

A peça SAL-PZ 0002 apresenta um formato arredondado com uma superfície de acabamento lisa e um engobo vermelho. Originalmente, esta cerâmica possuía alças para manuseio, mas estas encontram-se fragmentadas, restando apenas as bases onde estavam apoiadas. Além do engobo vermelho que cobre sua superfície, traços de pintura preta são visíveis no exterior da peça. No entanto, devido aos efeitos do tempo e, apesar dos esforços de uma minuciosa limpeza a seco, as características completas da pintura não puderam ser plenamente preservadas, tornando difícil a comparação com desenhos presentes em outras cerâmicas encontradas em diferentes regiões do Brasil. É importante ressaltar que essa cerâmica é policrômica, ou seja, apresenta múltiplas cores em sua decoração.

A função original da cerâmica SAL-PZ 0002 pode ter variado, e poderia ter sido utilizada para diversos fins. No entanto, devido à sua decoração policrômica, é plausível sugerir que tenha adquirido significados rituais ao longo do tempo. Ela pode ter sido parte de um enxoval funerário. No entanto, como a peça foi resgatada como parte de uma operação de escavação, como as demais peças, é difícil determinar sua localização precisa no sítio arqueológico, o que torna desafiador elucidar seu uso específico. A pintura da cerâmica consiste em linhas relativamente finas que se estendem perpendicularmente e se unem na parte inferior da vasilha, e essa decoração está presente ao redor de todo o exterior da peça.



Imagem 3: Peça SAL-PZ 0002. Crédito da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

As peças SAL-PZ 0003 a 0007 apresentam características semelhantes de construção, com um acabamento liso e a presença de engobo vermelho, o que reflete um processo de fabricação comparável ao encontrado na SAL-PZ 0002. A principal distinção reside nos motivos em tonalidade preta presentes no exterior dessas peças. Abaixo, fornecerei detalhes sobre cada uma das peças:

SAL-PZ 0003 e 0004: Ambas têm um formato arredondado, assemelhando-se à SAL-PZ 0002, com variações em sua circunferência. Originalmente, essas peças também possuíam alças, mas no estado atual estão ausentes.

SAL-PZ 0005 e 0006: Apresentam um formato circular aberto e se assemelham a pequenas "cuias de coco", sugerindo sua utilização para alimentação ou ingestão de bebidas.



Imagem 4: Peças da SAL-PZ 0003 a 0005. Crédito da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

SAL-PZ 0007: Tem um formato semelhante ao da SAL-PZ 0001, caracterizando-se como um assador ou utensílio de preparação de mandioca. No entanto, ao contrário da SAL-PZ 0001, esta não possui acabamento policrômico, apresentando apenas o engobo vermelho.



Imagem 5: Peças SAL-PZ 0006 e 0007 Crédito da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

As peças SAL-PZ 0008 e 0009, ao contrário das anteriores, não apresentam qualquer acabamento de pintura, exibindo apenas um acabamento liso. A SAL-PZ 0008 tem um formato cilíndrico e consiste em uma alça de alguma outra peça de cerâmica que se fragmentou, embora ainda não tenha sido possível identificar de onde este fragmento foi originário no material presente no acervo atual do LABAP. Por outro lado, a SAL-PZ 0009 tem um formato aberto e circular, semelhante às peças SAL-PZ 0001 e 0007, no entanto, encontra-se bastante fragmentada e não exibe qualquer pintura, mantendo apenas o acabamento liso, uma característica comum a todas as cerâmicas analisadas.



Imagem 6: Peças SAL-PZ 0008 e 0009 Crédito da imagem: Thalles Rennan
Maia de Medeiros

Com base em seu formato, é possível inferir que a SAL-PZ 0009 provavelmente tinha uma finalidade similar à das peças SAL-PZ 0001 e 0007, embora não apresente o aspecto ritualístico encontrado na primeira. A ausência de pintura e a natureza fragmentada podem dificultar a determinação precisa de sua função, mas sua forma sugere uma utilização próxima àquelas destinadas ao preparo de alimentos ou rituais específicos, embora com diferenças na ornamentação ou significado associado.

A cerâmica SAL-PZ 0010 é constituída por uma peça parcialmente fragmentada. Em seu interior, é possível observar vestígios de pinturas, embora essas estejam consideravelmente desgastadas, dificultando uma determinação completa de seu conteúdo. Por outro lado, não há evidência de pinturas em seu exterior, mantendo apenas o acabamento liso. As pinturas visíveis no interior da peça incluem um plano de fundo em engobo na cor branca/bege, com linhas em cor vermelha que circundam toda a região da borda e do bojo do fragmento.

Devido ao desgaste sofrido ao longo do tempo, a interpretação completa dos padrões e significados das pinturas pode ser desafiadora. No entanto, a presença de engobo branco/bege

e linhas vermelhas sugere uma decoração relativamente simples e geométrica, que pode ter tido algum significado simbólico ou funcional.



Imagem 7: Peça SAL-PZ 0010. Crédito da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

Outrossim, as peças SAL-PZ 0011 a 0015 são fragmentos cerâmicos que apresentam um acabamento e construção idênticos aos da SAL-PZ 0010. Vale ressaltar que a SAL-PZ 0015 encaixa parcialmente na SAL-PZ 0010.

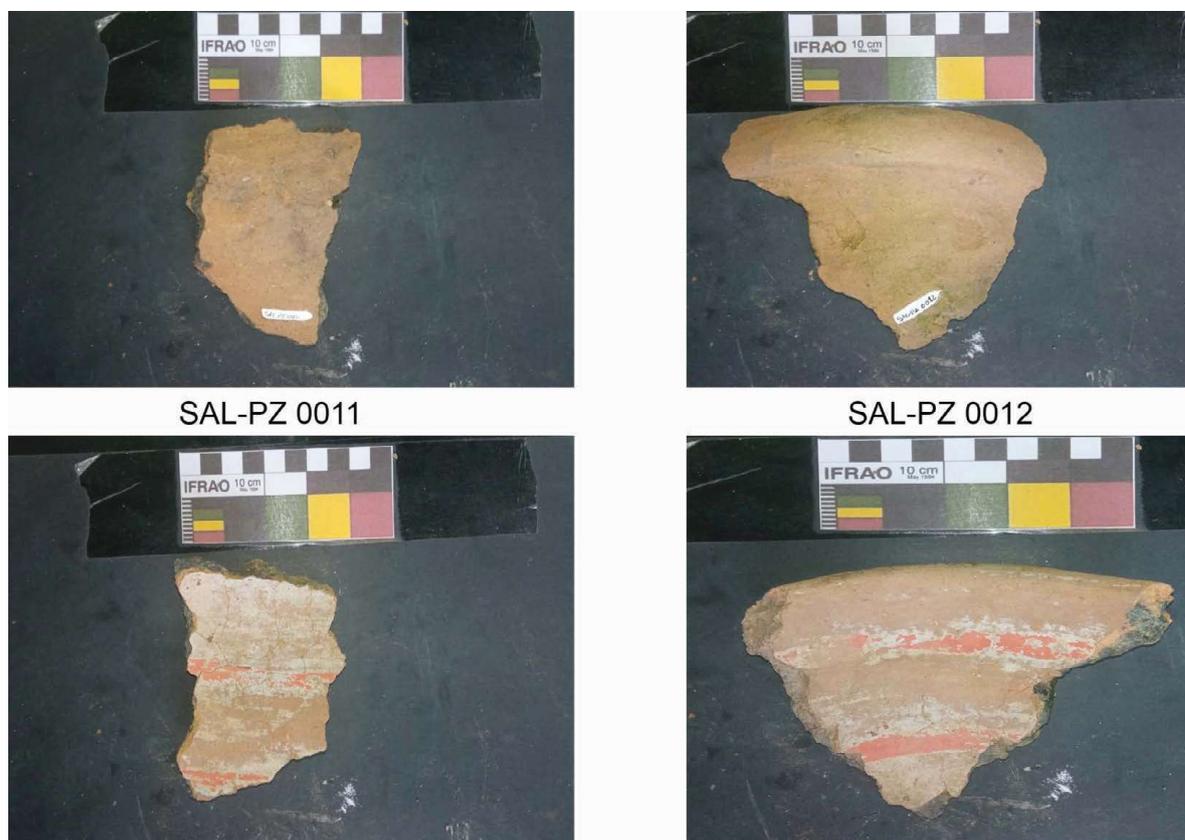


Imagem 8: Peças SAL-PZ 0011 e 0012. Crédito da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

Com base na notável semelhança entre essas peças SAL-PZ 0010 a 0015, é razoável presumir que todas elas constituam partes de uma única cerâmica original. No entanto, devido à falta de outros fragmentos essenciais, pode ser impossível reunir todos os fragmentos para restaurar completamente a peça original. A junção das peças SAL-PZ 0011 a 0014, quando possível, sugere a coexistência de uma cerâmica que, em seu estado intacto, teria uma forma completa, mas a ausência de partes adicionais limita a reconstrução completa da peça. Podemos ver nas imagens abaixo o encaixe perfeito dos fragmentos.



Imagem 9: Peças SAL-PZ 0013 0014. Crédito da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

Conforme descrito anteriormente, os fragmentos SAL-PZ 0011 a 0014 foram identificados como partes de uma única cerâmica, juntamente com os fragmentos SAL-PZ 0010 e 0015. Devido à presença de pontos de fixação mais seguros nos fragmentos SAL-PZ 0011 a 0014, foi possível unificar essas peças utilizando o composto PARALOID B72 diluído

em álcool a 99%. Segue abaixo a imagem que ilustra o processo de unificação dos fragmentos mencionados anteriormente por meio do composto PARALOID B72:



Imagem 10: PEÇAS SAL-PZ 0011 a 14 unificadas por PARALOID B72. Crédito da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

É interessante observar que esses fragmentos apresentam uma notável semelhança com uma cerâmica encontrada sem fragmentação por Marcos Albuquerque (2012)¹ durante sua escavação na cidade de Pilões, município limítrofe com Pilõezinhos, conforme podemos ver na imagem abaixo:

¹ Relatório disponível em:
http://www.brasilarqueologico.com.br/relatorios/2012%20-%20Silvia%20LI_LT_PIL0ES_RELFINAL%202013-03-08%20final%20CHESF.pdf



Imagem 11: Cerâmica recolhida pela equipe da Arqueolog, chefiada por Marcos Albuquerque. (p 131, fig 74) Fonte: Arqueolog Pesquisas

Além destes exemplares, houve ainda o salvamento de três cerâmicas quase praticamente intactas em formato piriforme. Todas elas foram encontradas pelos locais, sem a escavação metódica e científica necessária para podermos entender a profundidade em que se encontrava e em qual camadas estratigráficas estava presente.

Tais cerâmicas estão incluídas nas descrições de diversos autores sobre os formatos, morfologias e manufaturas das urnas da tradição Aratu, conforme podemos ver:

As urnas funerárias são sempre piriformes ('em forma de pera' invertida), e as dimensões médias são de 75 centímetros de altura por 65 centímetros de bojo, com abertura da ordem de 45 centímetros. As de crianças são um pouco menores e não possuem as tampas nem o mobiliário funerário que costumam acompanhar os adultos, e que consiste em pequenos machados polidos (10 centímetros de comprimento médio), por vezes feitos com pedra verde chamada 'nephrita' considerada material muito precioso e de valor mágico no Nordeste e na Amazônia. (PROUS, 2007. p.346).



Imagem 12: Urnas funerária resgatada no Sítio Laranjeiras, Pilõezinhos, Paraíba. Créditos da imagem: Juvandí de Souza Santos.

Entretanto, as urnas presentes no Sítio Laranjeiras não alcançaram o tamanho de 75 centímetros, conforme apontado pelo PROUS. Contudo, conforme análise realizada anteriormente por CAVALCANTE (2023) do LABAP, o enterramento localizado no interior da urna teria sido secundário, o que explicaria o tamanho diminuto em relação àqueles relatados por outros pesquisadores. Ainda é possível que as urnas pequenas sejam utilizadas para sepultamento de crianças, como vimos na citação anterior de PROUS.

No caso da peça SAL-PZ 0016, há a possibilidade da mesma ter sido utilizada tanto como a tampa para uma urna funerária maior, como também para o sepultamento de enxovais. Entretanto, pode ter sido utilizada até mesmo em um uso cotidiano fora de um ritual fúnebre, mas por não ter passado por uma escavação sistêmica na qual possamos apontar o contexto, há uma grande incerteza acerca de seu uso.



Imagem 13: Peça SAL-PZ 0016. Créditos da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

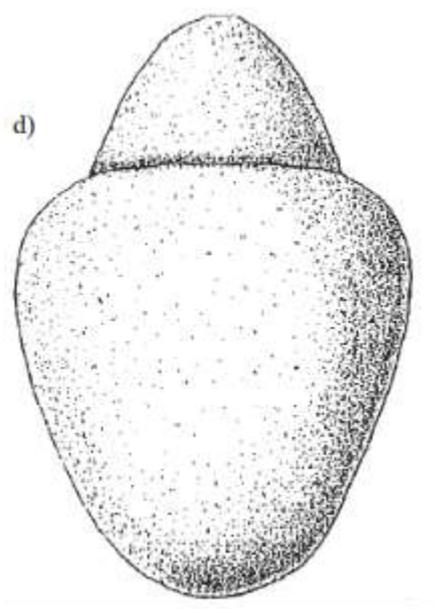


Imagem 14: Cerâmica da tradição Aratu; a, b, c, d, e) urnas e vaso imitando uma cabaça, recôncavo Baiano (V. Calderón, 1969, 1971); urna funerária de Palmeira dos Índios, AL. Fonte: Gabriela Martin, Pré história do Nordeste do Brasil, 2005, p. 197

A cerâmica SAL-PZ 0017 e também a 0018 se enquadram perfeitamente no que MARTIN (2005. p.199) aponta como característica fundamental para as urnas piriforme da tradição Aratu “urnas funerárias piriformes, com e sem tampa, de 70-75 cm de altura; tigelas menores empregadas como opérculo para cobrir os vasilhames funerários; painéis semi-esféricas de bordas onduladas”

É possível também notar grande semelhança com outras comparações com a imagem que descreve “exatamente conforme a ilustração da urna Itanhém, da tradição Aratu que demonstra três fases de elaboração da cerâmica e da urna infantil do Espírito Santo” (CAVALCANTE, 2023. p.7)



Imagem 15: Peça SAL-PZ 0017. Créditos da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros



Imagem 16: Urna da fase Itanhém, da tradição aratu, depositada no museu de porto seguro. urna funerária para criança. Fonte: FERNANDES (2002, P. 294).

Além disso, há muita correspondência entre a urna funerária SAL-PZ 0018 e as descrições anteriores também são válidas, tendo em vista que também é uma cerâmica piriforme com geometria semelhante às Aratu e com construção muito próxima a SAL-PZ 0017, diferenciando-se basicamente pelo tamanho ser pouco menor e ter sido resgatada com um enterramento ainda dentro de seu recipiente. Contudo, toda a construção e morfologia entre a SAL-PZ 0017 e 0018 são similares e podem indicar a presença de diversos outros enterramentos na região, como é característico da tradição Aratu.



Imagem 17: Peça SAL-PZ 0018. Créditos da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

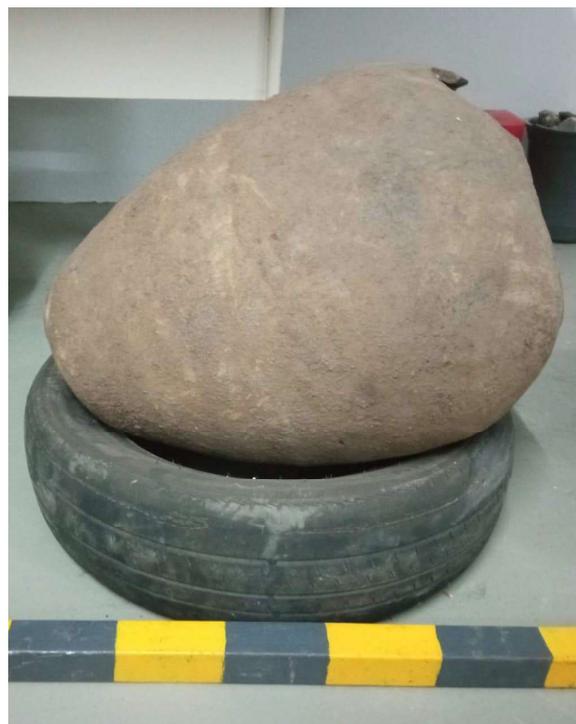


Imagem 18: Peça SAL-PZ 0018. Créditos da imagem: Thalles Rennan Maia de Medeiros

Também para efeito comparativo, foi realizada uma lâmina da urna funerária para que fosse possível observar sua composição, principalmente de antiplasto, onde foi possível notar que:

A granulometria é vasta e apresenta predominantemente fragmentos de quartzos brancos mais visíveis na parte interna com 15 a 20% de ocupação, além de fragmentos do que parece ser feldspato, ainda existem minerais escuros e rosados. Dessa forma, de uma amostra coletada da borda foi possível confirmar que se trata de uma pasta arenosa e com muitos minerais. CAVALCANTE (2023, p. 5-6)

Outra característica muito importante do Sítio Arqueológico Laranjeiras é a grande presença de material cerâmico presente em sua superfície. Em uma visita ao local, em 2021, realizamos coleta de tais materiais e os trouxemos para o LABAP, onde foram tombados e estão inclusos nas análises deste trabalho.



Imagem 19: Forte presença de materiais cerâmicos (in situ), na superfície no sítio Laranjeiras, Pilõezinhos, Paraíba. Créditos da imagem: Juvandi de Souza Santos

Sendo todos compostos por fragmentos de diversas morfologias, mas com construção muito semelhantes, elaborei uma tabela demonstrando todos os materiais resgatados nesta última visita ao sítio. Nenhum dos materiais presentes nesta análise, entretanto, foi proveniente de uma escavação arqueológica, mas sim exposto à superfície devido ao local ser terreno que passa por e plantio, o que potencializa a fragmentação dos materiais, dificultando a preservação da cultura material.

Tabela 1: MEDIDAS E CARACTERÍSTICAS DAS CERÂMICAS DO SÍTIO LARANJEIRAS, PILÕEZINHOS-PB

CÓDIGO	ALTURA	LARGURA	ESPESSURA	CARACTERÍSTICAS
SAL-PZ 0001	≈13cm	≈33,7cm	≈10 a 12 mm	Peça em formato aberto, parcialmente fragmentada com acabamento liso no total. Há pintura com engobo branco/bege no interior, juntamente com linhas em vermelho.
SAL-PZ 0002	≈13cm	≈20,5cm	≈5,5 a 7mm	Peça em formato redondo, parcialmente fragmentada, com

				acabamento liso e engobo vermelho em sua totalidade. Há presença de traços em preto no exterior
SAL-PZ 0003	≅16cm	≅25cm	≅7mm	Peça em formato redondo, parcialmente fragmentada, com acabamento liso e engobo vermelho em sua totalidade.
SAL-PZ 0004	≅10cm	≅15,5cm	≅5mm	Peça em formato redondo, parcialmente fragmentada, com acabamento liso e engobo vermelho em sua totalidade.
SAL-PZ 0005	≅5,5cm	≅9,5cm	≅4mm	Peça em formato aberto circular, inteira, com acabamento liso e engobo vermelho em sua totalidade.
SAL-PZ 0006	≅8cm	≅14cm	≅5mm	Peça em formato aberto circular, parcialmente fragmentada, com acabamento liso e engobo vermelho em sua totalidade.
SAL-PZ0 0007	≅7cm	≅22,5cm	≅7mm	Peça em formato redondo, parcialmente fragmentada, com acabamento liso e engobo vermelho em sua totalidade.
SAL-PZ 0008	≅8cm	Não aplica	≅17 a 20mm	Peça em formato cilíndrico, fragmentado, sem engobo. Consiste em uma alça.
SAL-PZ 0009	≅13cm	≅34,5cm	≅7 a 10mm	Peça em formato aberto circular, parcialmente fragmentada, com acabamento liso e sem engobo
SAL-PZ 0010	≅14cm	≅34cm	≅18 a 23mm	Peça em formato aberto retangular, parcialmente fragmentada, com acabamento liso e com engobo branco/bege presente no interior seguido por linhas vermelhas.
SAL-PZ 0011	≅11,5cm	≅7,5cm	≅18mm	Fragmento de cerâmica com acabamento liso. Presença de engobo branco/bege no interior seguido por linhas vermelhas
SAL-PZ 0012	≅12cm	≅12,5cm	≅17 a 25mm	Fragmento de cerâmica com acabamento liso. Presença de engobo branco/bege no interior seguido por linhas vermelhas
SAL-PZ 0013	≅18cm	≅24cm	≅14 a 21mm	Fragmento de cerâmica com acabamento liso. Presença de engobo

				branco/bege no interior seguido por linhas vermelhas
SAL-PZ 0014	≅19cm	≅12cm	≅17 a 23mm	Fragmento de cerâmica com acabamento liso. Presença de engobo branco/bege no interior seguido por linhas vermelhas
SAL-PZ 0015	≅13cm	≅11cm	≅16 a 20mm	Fragmento de cerâmica com acabamento liso. Presença de engobo branco/bege no interior seguido por linhas vermelhas.
SAL-PZ 0016	≅32cm	≅29cm	≅7,5mm	Peça em formato piriforme, acabamento liso e sem presença de engobo.
SAL-PZ 0017	≅57cm	≅49cm	≅7 a 12 mm	Peça em formato piriforme, acabamento liso e sem presença de engobo.
SAL-PZ 0018	≅47cm	≅36cm	≅13mm	Peça em formato piriforme, acabamento liso e sem presença de engobo. Há em seu interior a presença de uma ossada humana.
SAL-PZ 0033	≅10cm	≅6cm	≅6 a 9mm	Fragmento de cerâmica, borda sem engobo, Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0034	≅9cm	≅10cm	≅4 a 7,5mm	Fragmento de cerâmica sem engobo, com borda aparente. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0035	≅9cm	≅10cm	≅3,5 a 7,5mm	Fragmento de cerâmica sem engobo, com borda aparente. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0036	≅5cm	≅4cm	≅6 a 10mm	Fragmento de cerâmica do bojo, mas com afilamento que possibilita proximidade com a borda. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0037	≅5cm	≅8cm	≅7,5 a 10mm	Fragmento de cerâmica com a parte interna em engobo vermelho. Na parte externa há marcas de queima. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0038	≅14cm	≅9cm	≅6 a 7,5mm	Grande fragmento de cerâmica que apresenta tanto bojo como borda da cerâmica. Há engobo vermelho em toda a peça. Antiplasto muito

				granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0039	≈13cm	≈11cm	≈3 a 5mm	Fragmento de cerâmica de grande porte, pela sua angulação, espelho que tenha sido parte de uma urna funerária preteritamente. Sem engobo e acabamento simples. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0040	≈11cm	≈14cm	≈10mm	Fragmento de cerâmica sem engobo e com queima aparente. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0041	≈8cm	≈10cm	≈3 a 8mm	Fragmento de cerâmica com engobo vermelho. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0042	≈4cm	≈8cm	≈5 a 8mm	Fragmento de cerâmica sem engobo, mas com borda protuberante. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0043	≈8cm	≈4cm	≈6 a 8mm	Fragmento de cerâmica sem engobo, possível parte do bojo. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0044	≈3cm	≈7cm	≈7 a 8,5mm	Fragmento de cerâmica com engobo vermelho. Sem antiplasto visível a olho nú
SAL-PZ 0045	≈5cm	≈7cm	≈4 a 7mm	Fragmento de cerâmica com engobo vermelho. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0046	≈6cm	≈4cm	≈4,5 a 7mm	Fragmento de cerâmica com engobo vermelho e borda proeminente. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0047	≈5cm	≈3cm	≈6,5 a 7mm	Fragmento de cerâmica com engobo vermelho. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0048	≈8cm	≈9cm	≈5 a 7mm	Fragmento de cerâmica sem engobo. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0049	≈10cm	≈16cm	≈3mm	Fragmento de cerâmica sem engobo, formato de borda. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)

SAL-PZ 0050	≈8cm	≈14cm	≈5 a 9mm	Fragmento de cerâmica com engobo vermelho. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0051	≈13cm	≈15cm	≈4,5 a 8mm	Fragmento de cerâmica com engobo vermelho. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0052	≈15cm	≈28cm	≈5 a 8mm	Fragmento de cerâmica com engobo vermelho e presença de um apêndice, onde possivelmente haveria uma alça preteritamente. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0053	≈17cm	≈20cm	≈7 a 8mm	Fragmento de cerâmica grande, com engobo vermelho, parte do bojo. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0054	≈12cm	≈17cm	≈5 a 9mm	Fragmento de cerâmica sem engobo. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0055	≈2,5cm	≈3cm	≈9 a 10 mm	Fragmento de cerâmica com engobo, parte do bojo. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0056	≈8cm	≈10cm	≈6 a 9mm	Fragmento de cerâmica sem engobo, parte do bojo, com bastante afilamento ao aproximar da extremidade. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)
SAL-PZ 0057	≈9cm	≈7cm	≈5 a 7mm	Fragmento de cerâmica com engobo vermelho e borda proeminente. Antiplasto muito granulado e visível a olho nú (quartzo)

Fonte: Thalles Rennan Maia de Medeiros

É possível ainda realizar a comparação das cerâmicas piriformes com as encontradas em escavação de salvamento realizada por ALBUQUERQUE (2012) em Pilões, cidade circunvizinha de Pilõezinhos, onde o mesmo aponta que:

As escavações arqueológicas na área do sítio PB 0047 LA/UFPE foram realizadas em etapas devido à intensidade dos vestígios na área da subestação. As atividades resultaram na escavação integral da área da subestação. O sítio identificado corresponde a um cemitério pré-histórico da Tradição Ceramista Aratu, localizado no município de Pilões, no Brejo Paraibano. No total foram resgatados 57 conjuntos funerários, [...] Além dos vestígios filiados à Tradição Ceramista Aratus foram identificados recipientes cerâmicos filiados à Tradição Ceramista Tupiguarani. O material arqueológico resgatado, cerâmico e lítico (lascado e polido), correspondeu a: urnas funerárias, opérculos, panelas, tigelas, prato, fusos ou adornos, cachimbo, lâminas (entre elas, alguns machados) e tambetás. Ainda foram identificados vestígios humanos no interior de um dos conjuntos funerários correspondentes a dois dentes molares. (ALBUQUERQUE, 2012. p.108)

Tal acervo tem semelhança com o que foi encontrado no SAL-PZ, inclusive no fato de haver a cerâmica tupiguarani como ‘intrusa’. Devido a proximidade entre os sítios arqueológicos, seria possível determinar, caso houvesse uma escavação no sítio Laranjeiras, a possibilidade que ambos compartilhassem da mesma cultura ceramista, como também estarem interligadas em seus hábitos e padrões sociais.

6 CONCLUSÃO

A pesquisa realizada no Sítio Arqueológico Laranjeiras fornece uma compreensão valiosa sobre a Tradição Aratu no contexto paraibano pré-colonial. As descobertas arqueológicas, incluindo cerâmicas, urnas funerárias e outros artefatos, revelam características distintas dessa cultura ceramista.

Os achados, como as urnas funerárias piriformes, cerâmicas com engobos e pinturas policrômicas, destacam a habilidade técnica e estética dessas sociedades antigas. As semelhanças com descrições de outras regiões associadas à Tradição Aratu, bem como as diferenças observadas nas dimensões das urnas funerárias, sugerem uma complexidade na cultura material e nas práticas funerárias ao longo do território ocupado por esses grupos.

Embora parte dos artefatos tenha sido resgatada sem contexto estratigráfico devido à exposição na superfície, as similaridades morfológicas e construtivas entre os materiais recuperados sugerem a presença de uma ocupação continuada e a existência de potenciais sepultamentos no local.

Além disso, a descoberta de cerâmicas que exibem elementos semelhantes aos da cultura Tupiguarani indica possíveis interações culturais ou trocas entre os grupos da Tradição Aratu e os povos Tupi, destacando a complexidade das relações sociais e culturais naquele período.

Compreender a história e a cultura de sociedades antigas como as associadas à Tradição Aratu é essencial para reconstruir e valorizar as trajetórias humanas no território brasileiro pré-colonial. O Sítio Arqueológico Laranjeiras oferece uma janela para explorar essa herança, mas requer uma abordagem interdisciplinar e cuidadosa para desvendar os mistérios e complexidades dessas civilizações.

A continuidade das pesquisas arqueológicas, combinada com métodos avançados de datação, análise de material cerâmico e estudos paleoambientais, é fundamental para ampliar nosso entendimento sobre a organização social, os sistemas de crenças, a economia e as interações culturais desses antigos povos.

A preservação do Sítio Arqueológico Laranjeiras e de outros locais similares é de extrema importância para garantir que as gerações futuras possam acessar e estudar esses vestígios do passado. Além disso, uma divulgação responsável e consciente desse patrimônio cultural é fundamental para promover o respeito, a valorização e a preservação da rica diversidade histórica do Brasil.

A despeito da existência de relatórios sobre escavações enviados ao IPHAN, este trabalho acadêmico representa o primeiro esforço sistemático para estudar e analisar cerâmicas Aratu na Paraíba. Esse fato é relevante, pois, embora a tradição Aratu tenha sido amplamente estudada em outros estados brasileiros, a Paraíba ainda carece de uma compreensão abrangente desta cultura material.

No entanto, é crucial ressaltar a necessidade de estudos mais aprofundados, incluindo escavações sistemáticas, análises de datação e estudos detalhados da cerâmica e dos artefatos associados à Tradição Aratu no Sítio Arqueológico Laranjeiras. Essas investigações podem oferecer uma compreensão mais completa da vida, das práticas sociais e funerárias desses antigos grupos ceramistas, contribuindo significativamente para o conhecimento da pré-história paraibana.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. LUCENA, V. UCHÔA, S. **Programa de resgate arqueológico na área de implantação da LT da CHESF entre a subestação 138/68 Kv Pilões/PB e o seccionamento da LT 138 Kv Campina Grande II/Santa Cruz II, Paraíba.** Disponível em: http://www.brasilarqueologico.com.br/relatorios/2012%20-%20Silvia%20LI_LT_PILÕES_R_ELFINAL%202013-03-08%20final%20CHESF.pdf. Acesso em: 27 de outubro de 2023
- ALMEIDA, H. **História da Paraíba.** João Pessoa: A União, 1997.
- BROCHADO, JP; CALDERÓN, V; CHMYZ, I; DIAS, OF; EVANS, C; MARANCA, S; MEGGERS, B; MILLER, E; NASSER, N; PEROTA, C; PIAZZA, W; RAUTH, JW & SIMÕES, MF. (1970). Brazilian Archaeology in 1968: an Interim Report on the National Program of Archaeological Research. **American Antiquity**. Vol 35, nº 1:1-23. Washington. Colonização Portuguesa. Dossiê antes de Cabral: Arqueologia Brasileira – I. Revista
- CUNHA, M C. (org.). **História dos Índios no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ETCHEVARNE, C. (2000). A Ocupação Humana do Nordeste Brasileiro antes da Colonização Portuguesa. **Dossiê antes de Cabral: Arqueologia Brasileira – I.** Revista USP:112-141. São Paulo.
- FERNANDES, H. L. A. **Os Sepultamentos Aratu de Piragiba.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- FERNANDES, H. L. A. **Tafonomia comparada em urnas Aratu** (Piragiba e São Félix do Coribe, Bahia). *Canindé*, v. 2, p.291-310, 2002.
- HERCKMAN, E. 1886. **Descrição geral da Capitania da Parahyba.** Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, tomo V, n. 31, p. 239-288. Recife: Typographia Industrial.
- LA SALVIA, F; J. P Brochado. **Cerâmica Guarani.** Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989
- MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** Ed Universitária, 5ª edição, 2013, UFPE. Recife.
- NIMUENDAJÚ, C. **Mapa Etno-Histórico do Brasil e regiões adjacentes.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Mapa%20Nimuendaju%202017%20versã%20Jorge%2004092017.pdf>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.
- PROUS, A. (1992). **Arqueologia Brasileira.** Editora UNB, Brasília.
- PROUS, A.; ANDRADE Lima, T. **Os Ceramistas Tupiguarani. Volume I.** Sínteses Regionais. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 143–147, 2009. DOI: 10.24885/sab.v22i1 268 Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/268>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PROUS, A.; ANDRADE Lima, T. (eds). **Os Ceramistas Tupiguarani**. Volume II. Elementos decorativos. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais. v.2, 256p.2010.

SANTOS, J. S. **Paraíba**: da pré-história ao início da colonização. João Pessoa. JRC, 2006

SANTOS, J. S. **Manual do Arqueólogo**. Campina Grande. EDUFPG, 2010

SILVA, A. L.; OLIVEIRA, C.A. Estudos sobre Caracterização e Classificação Decoração da Cerâmica da Arqueológica Pintada. **FUMDHAMENTOS** (2019), vol.XVI, n.1. pp. 55-76. Disponível em:

http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2020/03/fumdham-fumdhamentos-xvi-2019-n-1-_318790.pdf Acesso em: 28 de nov. de 2021 USP:112-141. São Paulo.

TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. 2ª ed. São Paulo: Odysseus, 2011.